

FAKE NEWS E DESINFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: O CASO DA REPÓRTER PATRÍCIA CAMPOS MELLO

FAKE NEWS AND DISINFORMATION ON SOCIAL MEDIA: THE CASE OF REPORTER PATRÍCIA CAMPOS MELLO

Lais Lazarini*
Assunção Cristovão**

RESUMO:

O **objetivo** deste artigo é realizar um estudo de caso do livro *A Máquina do Ódio - Notas de uma Repórter sobre Fake News e Violência Digital*, da jornalista Patrícia Campos Mello. Como **base teórica**, usaremos o conceito de dialogismo, do filósofo russo Mikhail Bakhtin, a fim de encontrar as relações dialógicas entre o livro e o contexto social e político da nossa época em que imperam as redes sociais, inclusive na esfera jornalística. O livro será observado como um fenômeno de linguagem como acontecimento, sob uma nova visão das fake news, da desinformação e do discurso de ódio, e do contexto em que esses fenômenos ocorrem, em especial no caso de jornalistas mulheres. Para amparar a análise, será utilizado como pano de fundo o documento “The Chilling: Global trends in online violence Against women journalists”, produzido pela UNESCO em 2021, um estudo sobre a violência contra a mulher jornalista em todo o mundo. A metodologia utilizada será o cotejo dialógico entre a história contada no livro e o contexto da época nele retratada, um momento de grande polarização política intensificada pela campanha eleitoral à presidência da República do Brasil em 2018. **Concluiu-se**, pelo corpúsculo analisado, que o discurso de ódio contra mulheres jornalistas ganhou força e se tornou um recurso comum nas redes sociais, que se ampara sobre preconceitos antigos contra as mulheres, em especial, a misoginia e o machismo.

PALAVRAS-CHAVE:

Violência contra mulheres; mulheres jornalistas; redes sociais; Dialogismo; Pensamento Bakhtiniano.

ABSTRACT:

The purpose of this article is make a study case of the book “*A Máquina do Ódio – Notas de uma Repórter sobre Fake News e Violência Digital*”, by the journalist Patrícia Campos Mello. **As theoretical basis**, the concept of dialogism, from the russian philosopher Mikhail Bakhtin, in order to identify the relations between the book and the social and political context of our time, in wich social medias prevails, including in the journalist sphere. The book will be examined as a language phenomenon as na event, under a new vision about fake news, disinformation, hate speech, and the context wich this phenomenon happens, especifically with women journalists. To support the analysis, we will

* Estudante de Jornalismo na Universidade de Franca, UNIFRAN.

*** Professora permanente do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade de Franca, UNIFRAN.

use as a background the document “The Chilling: Global trends in online violence against women journalists” produced by UNESCO in 2021, a study about violence against women journalist worldwide. **The methodology** employed will involve a dialogical comparison between the story told in the book and the contextual backdrop of the time depicted, a period of intense political polarization intensified by the 2018 presidential campaign in Brazil. **The findings** from the analyzed corpus indicate that hate speech against women journalists has gained strength and has become a common resource on social media, relying on deep-rooted prejudices against women, particular misogyny and sexism.

KEYWORDS:

Violence against women, women journalists, social media, Dialogism, Bakhtinian thought.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz um estudo de caso do livro “A Máquina de Ódio – Notas de uma Repórter sobre Fake News e Violência Digital”, escrito pela jornalista Patrícia Campos Mello, com o intuito de analisar sob o pensamento bakhtiniano, a relação das redes sociais, disseminação de ódio – com foco nas mulheres – e o contexto histórico de polarização política. Patrícia atuava no jornal Folha de S. Paulo em 2018 quando, às vésperas da disputa eleitoral para a Presidência da República no Brasil, divulgou um texto denunciando a disseminação massiva de mensagens financiadas por empresários nas redes sociais, a fim de impulsionar a campanha do então candidato Jair Bolsonaro. A partir daí, passou a sofrer uma intensa campanha de destruição da sua imagem, pessoal e profissional, principalmente nas redes sociais.

A história da jornalista é apenas mais uma entre vários casos de ataques de ódio, inclusive de ameaças diretas, nas redes sociais contra profissionais de imprensa mulheres. Por ser um exemplo prototípico, e pelo fato de a história ter sido contada em livro pela própria profissional, optou-se por fazer um estudo de caso a fim de revelar a dinâmica do discurso de ódio nas redes, em especial contra a mulher jornalista.

Como base teórica, recuperaremos o que o filósofo russo, Mikhail Bakhtin, considerou como princípio fundador da linguagem, o conceito de relações dialógicas, ou dialogismo.

O DIALOGISMO – FENÔMENO DE LINGUAGEM

Com a finalidade de especificarmos o referencial teórico adotado para análise neste estudo, é importante recuperarmos o que o filósofo russo, Mikhail Bakhtin, considerou como princípio fundador da linguagem.

No estudo da linguagem, quando falamos em relações linguísticas, um dos principais nomes de referência é o de Bakhtin, um filósofo e teórico russo que ficou mundialmente conhecido principalmente após a sua morte. Seus escritos foram parcialmente registrados e sendo encontrados e publicados aos poucos, muitas vezes, sem estarem finalizados. Por isso, considera-se que seu

conteúdo é de difícil entendimento, contudo, extremamente significativo para o estudo da linguagem.

Entre as suas várias contribuições para o entendimento da linguagem, encontra-se o Dialogismo, que torna todos os elementos de um diálogo como um importante fator, e não só o diálogo face a face, mas, principalmente, o diálogo entre discursos. Em outras palavras, pode-se dizer que o Dialogismo considera como significativos os sujeitos em questão, o ambiente em que está acontecendo o diálogo, o contexto histórico, e qual o objetivo que cada um tem ao estar enunciando.

“(...) Todos os enunciados num processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro.” (FIORIN, 2011, p.11)

Bakhtin acredita que as palavras e orações são apenas unidades de língua e repetíveis, até serem empregadas por alguém. Porque assim elas se tornam um enunciado, carregam opiniões, valores, objetivos, contextualização e entonações que tornam o que está sendo dito como irrepetível - uma vez falado, não será mais feito igualmente como foi da primeira vez. No campo ideológico, os enunciados carregam consigo ideias e valores que serão constantemente retomadas, num elo discursivo sem fim e sem começo.

“Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.” (BAKHTIN, 2006, p.88)

Por isso, o dialogismo acontece a todo momento e em todas as interações humanas. Com esse pensamento, é possível refletir que determinados acontecimentos se dão apenas por estarem inseridos em determinado momento, lugar e com determinadas pessoas. Se algum desses elementos for diferente, o resultado da relação linguística também será. Entretanto, nenhum desses enunciados será individual e único. Para Bakhtin, sempre que materializamos um discurso no texto, seja falado, escrito ou de outra natureza, esse enunciado estará respondendo a outros textos e discursos.

REDES SOCIAIS E FAKE NEWS: ONDE TUDO COMEÇOU

Nessa perspectiva bakhtiniana, não é possível analisar um enunciado deslocado do seu tempo, do seu espaço, do seu contexto e da realidade sócio-histórica em que está inserido.

Dessa forma, é necessário contextualizar o discurso de ódio, como o sofrido pela jornalista Patrícia Campos Mello, no mundo como o conhecemos hoje, cuja comunicação é fortemente relacionada às redes sociais. Isso porque, desde que elas surgiram no Brasil – em meados dos anos 2000, com as plataformas Orkut e, pouco depois, Facebook -, vem se tornando cada vez mais frequente o seu uso não só para lazer, como a princípio era o intuito, mas também como uma ferramenta de trabalho.

Como consequência da facilidade e instantaneidade do que corre pelas redes, o que era usado para trazer benefícios à sociedade tornou-se também um meio de difusão das chamadas fake news, desinformação ou discursos de ódio. Em 2021, o próprio Facebook divulgou que removeu mais de 1,3 bilhão de perfis falsos na plataforma no primeiro trimestre daquele ano. Apesar desse número ser 23% menor do que o ano anterior – em 2020, foram removidos cerca de 1,7 bilhões de contas falsas –, ainda assim, é um valor significativo, que pode justificar o alto índice também da circulação de informações falsas. E mesmo depois dessa reorganização da rede, o Facebook estima que cerca de 5% dos perfis ativos ainda sejam de usuários inexistentes.

Contudo, a expansão das redes sociais não foi o marco inicial das fake news. Acredita-se que desde muitos anos já circulavam pela sociedade notícias falsas, em diferentes meios e formatos. Pode-se considerar um exemplo disso a descoberta realizada através de um estudo dos pesquisadores Steven Snape, da Universidade de Liverpool, e Nicky Nielsen, da Universidade de Manchester. Após uma escavação, eles encontraram registros de que os soldados egípcios tinham uma relação harmônica com o povo inimigo, o que significava que a vitória de Ramsés II na batalha de Qadesh, a mais famosa de sua dinastia, que durou de 1279 a 1213 a.C., pode ter sido uma fraude (CRISTOVÃO, 2020).

Alguns séculos depois, em 1678, no Reino Unido, um clérigo chamado Titus Oates afirmou que havia descoberto uma conspiração dos católicos para assassinar o então rei Carlos II e colocar no poder seu irmão, que também era católico. Um tempo depois, a mentira foi revelada, mas até então, muitos fiéis já tinham sido mortos em decorrência dos boatos, que mais tarde ficariam conhecidos como “Complô Papista” (LINCOLINS, 2019).

Cem anos antes da ascensão das redes sociais, foi publicado o livro Os Protocolos dos Sábios de Sião, que seria um projeto de conspiração dos judeus para “dominar o mundo através da destruição do mundo ocidental” (LINCOLINS, 2019). Embora tenha sido provado por diferentes estudiosos que a obra não passava de uma fraude, o texto ficou mundialmente conhecido e usado por muitos anos para propagar mensagens antisemitas, inclusive durante a Revolução Russa e a Segunda Guerra Mundial, em 1920 e 1939, respectivamente.

Percebe-se, com esses exemplos, que a sociedade sempre esteve vinculada a esse caráter da mentira e que “O fenômeno da desinformação tem uma dimensão claramente política, na medida em que pode moldar o que

tomamos por realidade” (ALVES e MACIEL, 2020, p. 148). Contudo, a grande proporção e a rápida velocidade com que as notícias se espalham na internet em geral e nas redes sociais em particular, são exclusividades da atualidade. Em março de 2018, foi publicado, pela Revista Science, uma pesquisa realizada pelos cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts em que analisaram mais de três milhões de tweets feitos entre os anos de 2006 e 2007, e constataram que notícias falsas são 70% mais prováveis de serem compartilhadas do que informações reais, por se apresentarem mais “atrativas” (CARNEIRO, 2018, p. 22).

A MULHER JORNALISTA FRENTE À VIOLÊNCIA DIGITAL

O movimento de violência contra mulheres jornalistas, principalmente nos meios digitais, está presente por todo o mundo. É o que mostra um trabalho publicado no ano de 2021 pela Unesco e executado pelas autoras Julie Posetti, Nabeelah Shabbir, Diana Maynard, Kalina Bontcheva e Nermine Aboulez. Após um estudo entrevistando mais de mil jornalistas de cento e vinte e cinco países diferentes, o trabalho revelou que 73% das mulheres afirmaram já ter sofrido assédio virtual, sendo que considerável parte delas também já recebeu ameaças de agressões e abusos físicos. Além disso, elas evidenciaram que os ataques se estenderam para “o mundo real” em decorrência do que vivenciaram nas redes sociais, atentando-se para as plataformas que não conseguem tomar medidas satisfatórias para um melhor controle do que é veiculado e propagado em suas mídias.

De acordo com a pesquisa (UNESCO, 2021), foram obtidos alguns resultados, que apontamos de forma resumida:

- 25% das entrevistadas sofreram violência psicológica, incluindo ameaças de morte e 18% sofreram também violência sexual;
- 13% afirmaram que a violência se estendeu para familiares, incluindo seus filhos;
- 20% afirmam que também foram violentadas pessoalmente, como consequência dos ataques online;
- Racismo, religião, fanatismo, homofobia, transfobia e misoginia são grandes causadores dos ataques;
- Pretas, indígenas, judias, árabicas e homossexuais são as que sofrem violência de maior impacto.
- Os temas que mais causam ataques são políticos e eleições (44%), e direitos humanos e política social (31%);
- 12% tiveram que tomar remédios ou buscar por ajuda psicológica;
- 30% se autocensuraram online para evitar ataques;
- 11% perderam trabalho para se recuperar;
- 38% se fizeram menos visíveis;
- 4% pediram demissão;

- 2% abandonaram o jornalismo.

Com base nesses resultados, conclui-se que os ataques virtuais vão além das barreiras das redes sociais, podendo causar danos à vida pessoal da vítima, incluindo sua família e sua profissão. Além disso, observa-se que há uma grande variedade de temas “propícios” a esses ataques, o que dificulta para a jornalista mulher sair ilesa desse ódio destilado.

VIOLÊNCIA DIGITAL NO BRASIL

O CASO DE PATRÍCIA CAMPOS MELLO

Para tratar dessa questão, optamos por um estudo de caso vivenciado pela jornalista Patrícia Campos Mello, que resultou no livro *A Máquina do Ódio - Notas de uma Repórter sobre Fake News e Violência Digital* (MELLO, 2020), para, a partir desse caso prototípico, identificar algumas das relações dialógicas presentes em casos de violência contra a mulher jornalista brasileira, e identificar no relato como funcionam essas relações dialógicas entre o trabalho jornalístico investigativo e o clima ideológico reinante nas redes sociais na época.

No dia 18 de outubro de 2018, a repórter do jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma matéria denunciando o disparo em massa de fake news contra o então candidato à Presidência da República, Fernando Haddad, pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Faltavam dez dias para o segundo turno da eleição e a reação dos opositores após a publicação da matéria foi marcada por extrema violência verbal, ameaça contra ela e sua família, e propagação de notícias falsas, agora, a respeito da própria jornalista.

Quem notou a primeira reação negativa nas redes sociais foi seu filho Miguel, que na época tinha apenas seis anos, e, sem entender muito o que estava acontecendo, perguntava a Patrícia o porquê de aqueles homens insultarem sua mãe de forma tão agressiva. E realmente era de se esperar que a publicação causaria tanta revolta por parte dos opositores, pois ela denunciou a contratação de agências de marketing para enviar milhões de mensagens e, assim, influenciar diretamente os resultados da eleição. O que deixa a infração ainda mais grave é que essa contratação se enquadra em caixa dois indireto, termo usado quando políticos utilizam recursos financeiros que não são declarados para os órgãos de fiscalização.

Com a publicação da matéria e a revolta dos eleitores de Bolsonaro, não demorou muito para acharem entrevistas antigas de Patrícia e contorcê-las para que pudessem usar contra ela. Um dos vídeos mais divulgados na época foi um em que, entre falas cortadas, a jornalista admitia seu voto no PT. Isso foi o suficiente para divulgá-lo nas redes acompanhado de comentários como “putinha do PT”, “vagabunda comunista” ou “jornalstinha comunista”.

Esse foi apenas o começo. No Facebook, Instagram e Twitter, as ameaças eram frequentes, incluindo contra o seu filho. “Se você quer a segurança do seu filho, saia do país. Não é uma ameaça, é um aviso” (MELLO, 2020), comentou uma pessoa, cuja identidade Mello optou por manter anônima. Chegaram a hackear seu celular e a espalhar mensagens a favor de Bolsonaro pela sua conta do Whatsapp. Descobriram sua agenda de eventos e divulgavam as datas, locais e horários, como um chamado para os ataques, e Patrícia foi obrigada a cancelar seus compromissos por um tempo.

Com tanta violência destilada, o jornal tomou a decisão de contratar um segurança para proteger Patrícia. O curioso é que, ao longo de sua carreira, a jornalista já cobriu conflitos e guerras espalhadas pelo mundo e, segundo ela mesma revela no livro, nunca esteve tanto em risco como estaria naquele momento, em sua cidade e ao lado de sua família.

Dois meses depois de sua publicação polêmica e vários ataques, ela chegou, juntamente com o repórter Artur Rodrigues, em mais uma peça chave que pudesse credibilizar ainda mais suas denúncias: um ex-funcionário de uma das empresas - a Yacows, que foi contratada para o envio das mensagens - conhecido como Nascimento, estava movendo um processo contra a empresa e aceitou falar com Patrícia assim que ela o comunicou da matéria.

Nascimento explicou com detalhes como era feito o esquema de disparo de mensagens na agência, e também enviou algumas fotos e conversas de Whatsapp que tinha guardado. Nos dias seguintes a isso, mantiveram contato de forma online, em que Nascimento mandou mais conversas que provavam suas falas.

Dias depois, Nascimento apenas mandou uma mensagem à repórter dizendo que não a ajudaria em mais nada e pedia para que ela retirasse, de suas matérias, tudo o que o envolvia. Uma das hipóteses levantadas na ocasião, foi a de que ele pudesse estar sendo ameaçado, mas logo depois descobriram que o funcionário e a empresa Yacows tinham entrado em um acordo a respeito das denúncias. Pela gravidade de tudo o que foi dito, Patrícia e o jornal decidiram manter a matéria.

Alguns meses depois, Nascimento foi convocado para depor na CPMI. Nesse dia, ele levou vários documentos aos deputados, discursou em defesa de Bolsonaro e acusou Patrícia, publicamente e ao vivo, de oferecer sexo em troca de informações.

Não demorou muito para que a família Bolsonaro se envolvesse diretamente nas falsas acusações. O filho mais velho do ex-presidente e então deputado, Eduardo, foi o primeiro a sugerir que não duvidaria caso a repórter da Folha se oferecesse sexualmente para poder prejudicar seu pai. Uma semana depois, foi a vez de Bolsonaro a mencionar. Após ser questionado sobre o assunto por jornalistas no Alvorada, o ex-presidente faz brincadeira com a acusação. “Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo (...)”

(BOLSONARO apud MELLO, 2020, p. 83), disse em ar de deboche. Como já era de se esperar, a brincadeira abriu ainda mais margem para os ataques a Mello.

Algum tempo depois, Patrícia moveu um processo judicial contra Nascimento que ainda está em andamento e um contra Bolsonaro, em que ganhou.

O MACHISMO ALÉM DE MELLO

O caso da repórter da Folha não é isolado. Situação semelhante ocorreu com a jornalista Juliana Dal Piva, que já há alguns anos investiga e publica matérias a respeito da família Bolsonaro e, desde então, sofre inúmeros ataques. Mas o caso se agravou quando, no ano de 2021, Dal Piva lançou o último episódio do podcast “Uol Investiga – A Vida Secreta de Jair”. Nesse dia, o advogado da família do ex-presidente, Frederick Wassef, mandou mensagens em tom de ameaça a repórter:

(...) Por que voce nao vai realizar seu sonho comunista em Cuba, Venezuela , Argentina ou Coreia do Norte ??? Por que nao se muda para a grande China comunista e va tentar exercer sua profissao por la ????? Faca la o que voce faz aqui no seu trabalho, para ver o que o maravilhoso sistema politico que voce tanto ama faria com voce . La na China voce desapareceria e nao iriam nem encontrar o seu corpo” (...) “A parte de seu amor pelo comunismo, voce vai continuar atendendo os pedidos de sua parceira/chefa para me atacar sem parar . Ela te paga ??? Ou e so muito amor por ela ??? Voces estao namorando ????? Se eu financiar todos os custos de viagem para Caracas na Venezuela , voce iria para la fazer umas materias sobre o que esta acontecendo la ??? Se eu te comprar um belo imovel por la, voce moraria la para realizar seu sonho comunista ????? (...) (WASSEF apud COURA, 2022)

Preocupada com sua segurança, Dal Paiva publicou um print dessa conversa em suas redes sociais, que tomou grandes proporções e chegou até outras jornalistas que sofreram ameaças semelhantes, incluindo Patrícia, que se solidarizou com a situação e incentivou Juliana a entrar com processo judicial. “A Patrícia deu coragem para não tratar aquilo como normal, que ignorar não é a melhor maneira. Ameaça é crime, essas pessoas não podem fazer isso e ficar impunes” (DAL PIVA apud GRANJEIA, 2022), contou em uma entrevista concedida ao Portal Catarinas.

Na ocasião, a repórter do jornal Valor Econômico, Luísa Martins, também saiu em defesa da colega de trabalho em sua conta no Twitter (MARTINS, 2021):

Embora assustador, o comportamento de Wassef, infelizmente, não surpreende: em 1º de outubro de 2019, ele foi até a porta do Supremo Tribunal Federal e me coagiu a entrar no carro dele para reclamar de uma matéria. Não é fato isolado. Minha solidariedade à incrível repórter.

Não demorou muito para os apoiadores de Wassef saírem em defesa do advogado e atacarem a jornalista nas redes sociais, chegando a ameaçar também sua família. Juliana teve que mudar seus compromissos de trabalho por um tempo e aderir a medidas de segurança extra.

A repórter decidiu então entrar com ação civil e criminal contra Wassef, porém, o processo só teve andamento meses depois de sua abertura.

Como resultado, o juiz que avaliou o caso considerou que o advogado não agiu de forma ameaçadora justamente por ter dito que no Brasil não ocorre esse tipo de perseguição aos profissionais, como ocorre em outros países com regime comunista. Para ele, Wassef desmoralizou Juliana apenas quando fez perguntas de cunho sexual a respeito de sua orientação sexual. E, dessa forma, o advogado foi obrigado a indenizá-la em 10 mil reais por danos morais.

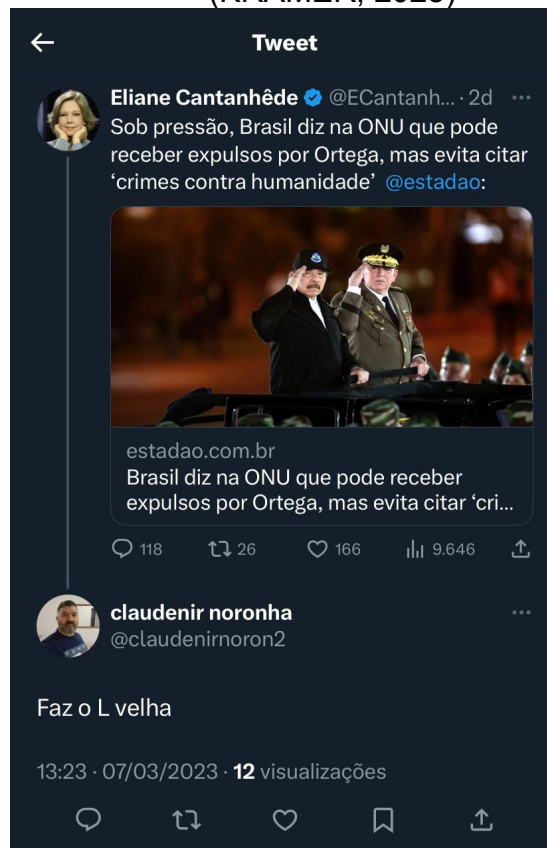
Em contrapartida, o juiz avaliou que Dal Piva também feriu a moral de Wassef ao divulgar conversas particulares nas redes sociais, sendo obrigada a indenizar o advogado no mesmo valor.

Além de Patrícia e Juliana, outras jornalistas mulheres também são alvos de ataques todos os dias nas redes sociais, inclusive aquelas que têm orientação ideológica relacionada aos ideais de direita ou liberais. Como exemplos, podem-se citar as profissionais Dora Kramer, Vera Magalhães e Eliane Cantanhêde, que frequentemente recebem comentários nos quais referências à sua idade, estado civil ou sexo são citadas de forma a desvalorizar seus posts.

Uma análise foi feita em suas contas no Twitter durante uma média de 20 dias e vários comentários ofensivos foram encontrados. A seguir, citaremos alguns exemplos:



(KRAMER, 2023)



(CANTANHÊDE, 2023)

No primeiro post, feito por Kramer, um homem ironicamente falou sobre a jornalista estar com ressaca devido ao carnaval e por isso estaria falando “coisas sem sentido”. Ele finalizou o comentário chamando-a de “senhorinha”, deslegitimando a posição de Kramer e ofendendo-a com base em sua idade.

No segundo exemplo, Eliane Cantanhêde publicou uma matéria mencionando o governo atual. E então, um homem fez um comentário insinuando que a jornalista era de esquerda e a referindo como “velha”.

Analisando as palavras isoladamente usadas pelos usuários que disparam ataques às jornalistas, pode-se notar que elas não são necessariamente ofensivas ou maliciosas. No entanto, de acordo com a visão bakhtiniana, para o enunciador, a palavra não se apresenta apenas como um elemento individual no dicionário, mas sim como parte de diferentes enunciados provenientes de diversos locutores e suas comunidades. (BAKHTIN, 2006, p. 88)

Nesse sentido, comentários como esses são “armas” frequentemente usadas para ofender uma mulher, pois, em uma sociedade misógina e machista, a mulher é considerada inferior à medida em que envelhece. Além disso, é possível notar que os ataques estão presentes em todos os espectros políticos. Isso fica evidente quando analisamos que, no caso de Kramer, a jornalista foi ofendida por alguém possivelmente de ideologia de esquerda. Já no tweet de Cantanhêde, ela foi alvo de uma pessoa com ideologia de direita.



(MAGALHÃES, 2023)

Nesse caso, a jornalista Vera Magalhães publicou uma reportagem em que trazia fatos recém descobertos sobre o ex-presidente Bolsonaro. Porém, um homem a chama de “imunda” e refere-se ao seu trabalho como “jornalixo”. Este é apenas um dos inúmeros casos em que as ofensas são direcionadas ao trabalho da mulher, na tentativa de descreditar sua competência e seu profissionalismo.

Com esses exemplos, fica evidente a significativa presença de um ódio destilado a mulheres que simplesmente estão desempenhando seu trabalho ou expressando legalmente uma opinião.

ANÁLISES

Credita-se que o machismo é um reflexo das desigualdades de gêneros que existem já há um tempo. No Brasil, por exemplo, durante o período colonial, imperial e boa parte do republicano, não existia nenhuma lei de proteção às mulheres. Além disso, elas só conquistaram o direito ao voto em 1933. Desta forma, é evidente que as agressões eram praticadas tanto pela sociedade quanto pelo Estado (SILVA, 2016).

De acordo com Kurpel e Santos (2021, p. 5-6), a objetificação e inferiorização das mulheres estão ligadas diretamente à cultura da sociedade e ao sistema patriarcal. Esses fatores contribuem para a manifestação de comportamentos que carregam a ideia de superioridade do sexo masculino em relação ao sexo feminino. Como resultado, é possível observar os altos índices de violência contra a mulher, bem como a sexualização do corpo feminino e a imposição de padrões estéticos inalcançáveis.

Isso explica o fato de que quando alguém quer criticar o trabalho de uma profissional, essa pessoa não diz apenas “seu trabalho é ruim”, mas, sim, faz insultos à posição dela como mulher, trazendo ofensas com conotação sexual, apelando à pressão estética – este que é tão frequente na vida feminina – e a desvalorizando profissionalmente e moralmente. É assim que Mello recebeu muitas das agressões contra ela por ocasião da publicação da reportagem sobre a qual trata em seu livro:

Encontraram uma entrevista que eu havia dado a estudantes da PUC em 2013. Nela, alguém me perguntava sobre meu posicionamento político. E eu, erro supremo, respondia: “Eu sou uma pessoa de esquerda, sempre votei no PT, mas isso não interfere na minha cobertura jornalística, todos os jornalistas votam em alguém, mas nossa obrigação é separar isso e não imprimir viés à cobertura”. (...) O vídeo foi editado, nem é preciso dizer, e o clipe de cinco segundos, com a frase “Eu sou uma pessoa de esquerda, sempre votei no PT” viralizou. Em poucos minutos eu tinha virado “putinha do PT”, “vagabunda comunista”, “jornalística comunista” e daí para baixo. (MELLO, 2020, p. 12)

Nesse trecho do livro, os insultos feridos à Mello são relacionados à intenção de desqualificação moral da repórter. Isso fica evidente quando usam

ofensas com teor sexual – “putinha” e “vagabunda” – e, ao se referirem a ela como “jornalística”, estão diminuindo sua posição na profissão.

Em fevereiro de 2020, várias imagens ofensivas como esse vídeo começaram a circular nas redes sociais. Em uma delas, uma mulher aparece nua, de pernas abertas, em cima de uma pilha de notas de dólar. Em outra, o rosto dessa mesma mulher aparece com a legenda: “Folha da Puta – tudo por um furo, você quer o meu? Patrícia, Prostituta da Folha de S. Paulo – troco sexo por informações sobre Bolsonaro” E tem uma em que essa mulher – sempre a mesma – aparece com a frase – “Ofereço o cuzinho em troca de informação sobre o governo Bozo”. (...) Tem gente que acha graça. Como disse um blogueiro governista, isso não é um ataque a jornalistas, é apenas uma maneira de tirar sarro, “que falta de senso de humor”. (MELLO, 2020, p. 78)

No trecho acima, além das ofensas mentirosas que foram ditas por usuários escondidos atrás de um perfil nas redes sociais, há um agravamento do caso. Quando o blogueiro governista afirma que é “apenas uma maneira de tirar sarro” e que as pessoas não tem senso de humor, fica claro a tentativa de isenção da culpa pelos ataques mascarados como “brincadeiras” em uma sociedade onde pautas feministas para o combate do machismo e misoginia são tratadas como exagero e vitimismo.

“Você tava querendo dar a buceta para ver o notebook do cara kkkkkkk então você chupa piroca por fontes?”, dizia um usuário do Facebook chamado Bruno Pires, que, segundo sua conta na rede social, estudou direito na Universidade de Rio Verde. (MELLO, 2020, p.84)

Nesse trecho, Mello cita um dos milhares de ataques virtuais que sofreu após a publicação da sua reportagem. O que chama a atenção é que existem informações – que não é possível afirmar se são verdadeiras ou não - sobre o autor do comentário, em seu perfil no Facebook. Aparentemente, as redes sociais causam uma impressão de “blindagem”, o que encorajam pessoas a destilarem ódio umas às outras, como se não pudessem ser punidas. Esse movimento dá a internet uma fama popular, conhecida como “terra sem lei”. Contudo, isso é um equívoco, uma vez que atitudes desse tipo podem destruir a vida de pessoas e até de sociedades democráticas.

CONCLUSÕES

Este artigo analisou o livro *A Máquina do Ódio – Notas de uma Repórter sobre Fake News e Violência Digital*, da repórter Patrícia Campos Mello, usando como base teórica o Dialogismo, de Mikhail Bakhtin. Para isso, selecionamos três trechos do livro em que Mello foi alvo de ameaças e ofensas após publicar uma reportagem denunciando um esquema de crime eleitoral, nas eleições presidenciais de 2018, no Brasil.

Além disso, utilizamos o estudo “The Chilling: Global trends in online violence against women journalists”, publicado pela UNESCO, em 2021, em que foi possível observar que os ataques são feitos a mulheres jornalistas do mundo inteiro, por diferentes assuntos e que afetam não só a vida pessoal da vítima, como também a sua família e profissão.

E para finalizar, analisamos também casos que envolveram outras três jornalistas que são diariamente atacadas virtualmente em suas contas no Twitter, em que a idade e a competência profissional se tornaram fontes de ofensas pelos opositores.

A partir disso, concluiu-se que, a grande dimensão dos ataques sofridos por Mello se deu pela influência do contexto histórico em que os relatos se passaram, uma vez que o Brasil estava inserido em uma forte polarização política. Além disso, com a ascensão das redes sociais no cotidiano das pessoas, os ataques se tornaram mais frequentes e agressivos, ocasionados pela falsa impressão de “blindagem” que a internet proporciona, além dos antigos preconceitos contra a mulher, presentes na sociedade até hoje.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marco Antonio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfed. **O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto**. (fev. 2020). Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/o-phenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem – 12ª Edição**. Hucitec, 2006.

CARNEIRO, Fabiana Lumena. **Fake News propagadas por meio digital no Brasil: desafios para a governança e a gestão pública contemporânea**. Belo Horizonte: 2018.

CANTANHÊDE, ELIANE. 07 mar. 2023. Twitter: @ECantanhêde. Disponível em: <https://twitter.com/claudeniroron2/status/1633141311682347008>. Acesso em: 09 mar. 2023.

COURA, Kalleo. **Advogado de Bolsonaro deve indenizar jornalista, que também deve indenizá-lo.** Jota. São Paulo, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/coberturas-especiais/liberdade-expressao/advogado-de-bolsonaro-deve-indenizar-jornalista-que-tambem-deve-indeniza-lo-10062022>. Acesso em: 02 maio 2023.

CRISTOVÃO, Assunção. **O valor de verdade como ato responsável e responsivo – as agências de checagens de notícias.** Cadernos de Linguística, p. 4. (2020)

GRANJEIA, Julianna. **Quem é Juliana Dal Piva, a repórter ameaçada pelo advogado do presidente.** Portal Catarinas. Florianópolis, 8 abr. 2022. Disponível em: <https://catarinas.info/quem-e-juliana-dal-piva-a-reporter-ameacada-pelo-advogado-do-presidente/>. Acesso em: 02 maio 2023.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2011.

KRAMER, Dora. 19 fev. 2023. Twitter: @dorakramer. Disponível em: <https://twitter.com/vv4guine7/status/1627257186626797570>. Acesso em: 21 jun. 2023.

KURPEL, Denise de Fátima; SANTOS, Paula Fernanda Savitras. **Objetificação dos corpos das mulheres: o ser-em-si e o objeto, um estudo de representações sociais.** V Seminário Internacional: desfazendo gênero. Nov. 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_10122021210929.pdf. Acesso em: 22 jun. 2023.

LINCOLINS, Thiago. **Conheça as 10 fake news que mais mataram na história.** São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/10-casos-fake-news-mataram-historia-inquisicao-peste-negra-bruxa.phtml>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MARTINS, Luísa. 09 set. 2021. Twitter: @luisamartins. Disponível em: <https://twitter.com/luisamartins/status/1413671977324269571?s=46&t=jQ6JuHcqxp70ICNDVkqMQ>. Acesso em: 10 maio 2023.

MAGALHÃES, Vera. 03 mar. 2023. Twitter: @veramagalhaes. Disponível em: <https://twitter.com/MarcioRanierys/status/1632193672426012674>. Acesso em: 09 mar. 2023.

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do Ódio – Notas de uma Repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SILVA, Alexandre. **Cultura Machista no Brasil: a fragilidade de segurança à mulher em contextos misóginos**. Brasil 247. 30 maio 2016. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/cultura-machista-no-brasil-a-fragilidade-de-seguranca-a-mulher-em-contextos-misoginos>. Acesso em: 02 maio 2023.

SOARES, Lucas. **Facebook revela que números de perfis falsos excluídos da plataforma caíram 23% em um ano**. Olhar Digital. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/05/19/internet-e-redes-sociais/facebook-revela-que-numeros-de-perfis-falsos-excluidos-da-plataforma-cairam-23-em-um-ano/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

UNESCO. **The Chilling: Global trends in online violence Against women journalists**. Abril, 2021. Disponível em: <https://en.unesco.org/sites/default/files/the-chilling.pdf>. Acesso em: 03 maio 2023.